



Quebrar barreiras

Quando tinha dez anos de idade, frequentei um colégio onde andávamos todos de uniforme. Nessa altura, os meus dois principais objetivos na vida eram:

1. Ser capaz de fazer uma roda perfeita três vezes seguidas.
2. Ser capaz de fazer o pino durante mais de um minuto.

Contudo, como era obrigatório as raparigas andarem de saias, era difícil realizar estes sonhos.

Mas porque será que os uniformes de raparigas e rapazes têm de ser diferentes? O que é que um rapaz ou uma rapariga fazem no recreio ou na aula que é tão diferente assim? Afinal de contas, é muito mais confortável usar calças para brincar, correr e saltar, algo que raparigas e rapazes fazem em igual medida.

Os brinquedos têm sido, até recentemente, outra fonte de educação sexista. Até há pouco tempo, os catálogos de brinquedos mostravam as meninas num mundo cor-de-rosa de cozinhas e bonecas — todas elas magras, maquilhadas e com belos cabelos. Em contrapartida, os rapazes tinham à disposição carros, desportos, super-heróis e um mundo pintado de azul.



E podemos fazer a mesma demonstração com a publicidade. Até recentemente, nos anúncios de automóveis, qual era a proporção entre mulheres e homens que conduziam? Nos anúncios sobre comida, qual era a proporção entre mulheres e homens que cozinham?

São detalhes aparentemente triviais como estes que fazem com que, a longo prazo, o masculino e o feminino assumam identidades e percursos de vida totalmente diferentes. Como vivemos num sistema de patriarcado, onde tudo o que está ligado ao feminino é considerado inferior ou secundário, o masculino irá, inevitavelmente, assumir sempre o papel de referência e modelo. Logo, não é a mesma coisa ser homem ou mulher em termos de género.

Eis um outro exemplo. Adoro as Ilhas Baleares e quase todos os verões passo lá alguns dias. Há alguns anos, assisti ao seguinte episódio: um rapaz de cerca de treze anos estava a pensar se devia ou não saltar, porque as rochas eram muito altas, quando, de repente, os amigos começaram a gritar: “Anda lá, não sejas menina, salta!”

O que este episódio demonstra é que aqueles rapazes estabeleceram uma ligação automática entre o medo, a cautela e a feminilidade, e que usaram a feminilidade como um insulto, apesar de haver raparigas da sua idade que, alguns metros mais adiante, saltavam de rochas bem mais altas para a água.

Os rapazes não inventam estas conexões. Aprendem-nas através da cultura, da socialização, do que veem nos livros escolares, na televisão, e aprendem-nas dos adultos à sua volta, que, por sua vez, também são influenciados pelo sistema de patriarcado.

Aos doze anos de idade, raparigas e rapazes já têm certos papéis estabelecidos que serão muito difíceis de descartar na vida adulta.

Para os rapazes, o meio ambiente reforça a posição de liderança e supremacia: eles são “o guerreiro”, enquanto as raparigas aprendem a conformar-se com um papel secundário e submisso, o da “princesa”. Embora possam ser educados de forma mais aberta em casa, a sociedade também os educa no reforço dos estereótipos de género.

Assim, raparigas e rapazes são levados a identificar-se com aquilo a que chamamos masculinidade e feminilidade convencionais. Ambos os conceitos se tornam gaiolas invisíveis das quais é muito difícil escapar, e que acabam por gerar frustrações em ambos os sexos e, no pior dos casos, violência.

Eis alguns dos estereótipos da masculinidade:

- ◆ Ser forte e ser capaz de exercer violência, se necessário.
- ◆ Ser corajoso; um homem com medo é coisa que não existe.
- ◆ Ser sempre assertivo; se hesitares, vais parecer fraco.
- ◆ Não falar de sentimentos; isso é coisa de raparigas.
- ◆ Não se deixar levar pelos sentimentos; isso também é coisa de raparigas.
- ◆ Envolver-se em comportamentos de risco na presença de outros homens; se não houver testemunhas, não vale a pena.
- ◆ Ser campeões na adolescência, e homens de sucesso na vida adulta.
- ◆ Usar o corpo das mulheres sempre que quiserem; quanto mais conquistas fizerem, mais machos serão.
- ◆ Ver o sexo como uma reafirmação do próprio poder e não como uma fonte de prazer e afeto.

- ♦ Estabelecer relações de dominação com as mulheres.

Se não cumprires este último ditame, a língua inventou um termo para ti: “mariquinhas”.

O mariquinhas é um homem de carácter fraco e facilmente dominado por outra pessoa, especialmente pela mulher. Por outras palavras, se um homem não domina a sua mulher, é um mariquinhas. Claro que não há feminino de mariquinhas, porque a linguagem assume que, numa relação de casal heterossexual, é a mulher que é dominada pelo homem.

Vejamos, agora, alguns estereótipos da feminilidade:

- ♦ Ser sensível; todas as mulheres devem ser hipersensíveis, algo que os homens a sério não são.
- ♦ Ser emotiva, porque a razão nunca pode levar a melhor sobre as mulheres.
- ♦ Ser frágil, pois não existem mulheres fortes.
- ♦ Ser incapaz de se defender, para que o Príncipe Encantado possa vir em seu socorro.
- ♦ Ambicionar a juventude eterna; um homem fica bem com cabelo grisalho; uma mulher fica mal com cabelo grisalho.
- ♦ Ser dotada de beleza física.
- ♦ Ter sentimentos de culpa por não alcançar os padrões de beleza física que a sociedade dita.
- ♦ Ser desejada e agradar aos homens.
- ♦ Ser mãe, como único fator de realização enquanto mulher.
- ♦ Demonstrar capacidade para sofrer, pois ninguém sofre como uma mãe, ou seja, como uma verdadeira mulher.
- ♦ Assumir todas as tarefas domésticas, ou seja, aquelas que são feitas sem pagamento, a menos que sejamos da classe média-alta, e possamos contratar outra mulher para as fazer por nós.
- ♦ Assumir todos os cuidados para com os outros, ou seja, aqueles que são prodigalizados sem pagamento, a menos que sejamos da classe média-alta, e contratemos outra mulher para os assumir por nós.



É urgente desmontar estas construções, pois elas restringem a vida de homens e mulheres, obrigam-nos a ser limitados e estereotipados, e também geram violência e discriminação.

**Temos de transformar o mundo que herdámos,
porque é um mundo que construiu a ideia de que há características do ser humano
que são inferiores, tais como a compaixão e os afetos,
e outras que são superiores,
tais como a violência ou a capacidade de dominar as emoções,
dois modelos de comportamento diferentes, associados a dois géneros diferentes.
E se estes valores não fossem identificados com homens ou mulheres,
mas com seres humanos independentemente do seu sexo?**

Como podemos mudar a sociedade?

É tempo de olhar para dentro de nós mesmos e de nos desconstruirmos, a fim de nos podermos construir de novo de um ponto de vista não estereotipado.

Só assim mulheres e homens serão mais livres.

Leticia Dolera
Morder la manzana
Editorial Planeta, 2018
(Tradução e adaptação)

Quebrar barreiras

1. Quais eram os principais objetivos da narradora quando tinha dez anos?
2. O que dificultava a concretização desses objetivos?
3. Brinquedos e publicidade têm funcionado como fonte de educação sexista. Identifica os parágrafos que contêm esta informação.
4. O que significa a expressão “sistema de patriarcado”, segundo o texto?
5. Que tipo de preconceito revela o episódio das Ilhas Baleares?
6. A autora considera que os estereótipos de género funcionam como “gaiolas invisíveis”. Porquê?
7. Na tua opinião, que estereótipos de masculinidade e feminilidade influenciam mais a forma como rapazes e raparigas se comportam atualmente?
8. Certas características humanas não deveriam ser associadas a um género específico. Concordas? Fundamenta a tua resposta.
9. Já presenciaste, ou viveste, alguma situação semelhante às descritas no texto?
Se sim, qual?
10. Atribui um outro título ao texto e justifica a tua opção.